

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Curso de Especialização em Língua Inglesa - Pós graduação

Kelly de Castro Santos

TRADUÇÃO DE THE SUFI E SEX AND THE INDIAN - de Makarand
Paranjape

Análise do processo tradutório

Belo Horizonte

2022

Kelly de Castro Santos

**TRADUÇÃO DE THE SUFI E SEX AND THE INDIAN - de Makarand
Paranjape**

Análise do processo tradutório

Monografia apresentada à banca examinadora designada pelo colegiado do curso de Especialização em inglês, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Língua Inglesa.

Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Belo Horizonte

2022

Folha de aprovação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INGLÊS/ PÓS-GRADUAÇÃO

Folha de Aprovação

“Tradução de The Sufi e Sex and the Indian – de Makarand Paranjape”

Kelly de Castro Santos

Monografia submetida à banca examinadora designada pelo colegiado do curso de especialização em inglês, como requisito para obtenção do grau de especialista em Inglês, área de concentração em tradução, aprovada em 10/11/2010, pela banca constituída pelos membros, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, e Ricardo Augusto de Souza.

Orientadora,
Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
Doutora, UFMG

Belo Horizonte, 13/12/2021.

Marisa M. Carneiro

Marisa Mendonça Carneiro

Coordenadora do Curso de Especialização em Língua Inglesa

Profa. Dra. Marisa Mendonça Carneiro
Coordenadora do Curso de Especialização em Língua Inglesa
Faculdade de Letras/UFMG

Resumo

Este artigo visa analisar os resultados obtidos durante o processo de tradução de dois artigos publicados em um jornal indiano, “The Sufi” (1988) e “Sex and the Indian” (1987) de Makarandi Paranjape. As traduções foram feitas da língua inglesa para a língua portuguesa com o objetivo de evidenciar os desafios enfrentados e escolhas feitas pelo tradutor ao traduzir textos que apresentam fortes traços linguísticos culturais divergentes da língua de chegada. Para analisar termos culturalmente marcados, foi utilizado o modelo de modalidades de tradução (Aubert 1984,1988). Esses são definidos em cinco categorias como Empréstimo, Decalque, Explicitação, Modulação e Empréstimo com Explicitação. As definições são apresentadas durante o trabalho dialogando com as etapas do processo tradutório. Esse processo permitiu observar barreiras culturais, assim como semelhanças e diferenças entre o par linguístico língua portuguesa e língua inglesa. Dessa maneira o tradutor se torna um mediador entre as duas culturas, apresentando os aspectos sócio-culturais presentes na obra original.

Palavras- chave: Tradução literária. Modalidades tradutórias. Termos culturalmente marcados. Makarandi Paranjape.

Abstract

This paper aims to present the results obtained in the translation process of two articles published in an Indian newspaper “The Sufi” and “Sex and the Indian” by Makarandi Paranjape. The translations were made from English to Portuguese in order to highlight the challenges faced and choices made by the translator when translating texts that have strong cultural linguistic traits that are different from the target language. In order to analyze culturally marked terms, it used the translation modalities model (Aubert 1984,1988). These are defined in five categories such as Loan, Decal, Explicit, Modulation, and Explicit Borrowing. The definitions are presented during the assignment dialoguing with the stages of the translation process. This process allowed us to observe cultural barriers, as well as similarities and differences between the language pair Portuguese and English. In this way, the translator becomes a mediator between the two cultures, presenting the socio-cultural aspects present in the original work.

Keywords: Literary translation. Translation modalities. Culturally marked terms. Makarandi Paranjape.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PROCESSO TRADUTÓRIO.....	9
3. TRADUÇÃO I: O sufista.....	12
4. TRADUÇÃO II: O sexo e o indiano	14
5. CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	20

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar os resultados obtidos a partir da tradução de dois artigos de jornal “ Sex and the Indian” e “The Sufi” de Makarand Paranjape, levando em consideração aspectos subjetivos e culturais intrínsecos aos textos.

Por se tratar de duas obras que abordam aspectos sociais da Índia, mostra-se importante abordar aspectos referente a tradução cultural, bem como aproximações e distanciamentos decorrentes das duas línguas.

Aubert (1984:72) evidencia a dificuldade que o tradutor enfrenta ao traduzir obras literárias que apresentam aspectos sócio-culturais diferentes da língua de partida (LP) para a língua de chegada(LC). O tradutor tem que fazer escolhas levando em consideração os conhecimentos prévios individual e injunções linguístico-culturais oriundas do confronto das duas línguas.

[...] a existência de traduções de obras literárias de cunho regionalista, por vezes tão estreitamente vinculadas a determinadas realidades que até mesmo falantes da mesma língua, mas pertencentes a outras sub-áreas culturais, sociais e/ou geográficas, enfrentam sérias dificuldades para bem apreenderem o conteúdo do texto em toda a sua plenitude. AUBERT (1981:03)

PROCESSO TRADUTÓRIO

Para especificar e analisar o processo tradutório podemos utilizar cinco categorias identificadas por Aubert. F. H. em “A Tradução do intraduzível” Empréstimo, Decalque, Explicitação, Modulação e Empréstimo com Explicitação.

A primeira, como o próprio nome explicita, ocorre o empréstimo ou a utilização de termos da língua de partida na tradução para a língua de chegada, ou seja, esse não é traduzido, mas sim incorporado a tradução. Por não existir um correspondente na LC utiliza-se o mesmo termo para não perder a carga semântica da escolha do autor.

Em um primeiro momento pensei em deixar o título “Sufi” no texto traduzido e explicitar o termo posteriormente, mas pesquisando o termo percebi que a modulação seria o recurso mais satisfatório (quarta categoria), pois existe um correspondente em português para termo: A tradução de “Sufi” é “Sufista”. Mas a partir desse momento levanto um questionamento: será que o leitor receptor da tradução desse texto terá conhecimento sobre a palavra “sufista”? Ou seria melhor manter o termo em inglês, e deixar para o leitor entender o título a partir do texto?

A segunda categoria definida como Decalque é um artifício sociolinguístico que incorpora à língua de chegada termos da língua de partida, que podem sofrer pequenas alterações quanto à grafia, mas mantêm-se o sentido e a forma fonológica da LP. Esse termo já incorporado pode ser utilizado pelos falantes da LC.

Por exemplo, na tradução dos termos “process” para processo e “depression” para depressão, houve uma pequena mudança na grafia o sentido manteve-se.

A Explicitação, como terceira categoria, ocorre quando o termo utilizado pelo autor precisa ser explicado na tradução, utilizando recursos lingüísticos da língua de chegada para tentar transmitir os aspectos culturais expressos por termos pertencentes àquela cultura em particular. Muitas vezes explicita-se a formação ou elementos que constituem o termo em questão para deixar claro para o leitor que

não há uma correspondência direta em sua língua, mas é feito o esclarecimento desses aspectos culturais.

Por exemplo a sentença "Mummy". I'm spending the night at my friend's", já na passagem para a língua de chegada, completei o sentido subentendido, para assemelhar-se mais a estrutura utilizada pela língua portuguesa, com a tradução "estou passando a noite na casa de uma amiga".

Como quarta categoria a Modulação representa a readequação ou substituição de alguns trechos ou vocábulos durante o processo tradutório para tentar transmitir ao leitor os artifícios estilísticos e as escolhas estéticas feitas pelo autor. Sendo assim, faz-se necessário a intervenção do tradutor nas escolhas lexicais, tentando expressar a intenção e ou o estilo do autor, nesse momento o tradutor intencionado ou não, expressa claramente sua subjetividade.

Alguns aspectos literários e socioculturais do inglês indiano, como em qualquer cultura, são intraduzíveis ou intransferíveis para a língua de chegada, pois em alguns casos não existem termos que representem um mesmo significado semântico em ambas as línguas.

Por exemplo, a sentença "burned like coals on his visage" traduzi como "(olhos) que queimavam como brasas em sua face". Optei por traduzir coals como brasa, fugindo assim do sentido dicionarizado da palavra, porém considero que essa escolha representa a intencionalidade do autor. Outro exemplo é a expressão "clean-shaven upper lip". Essa tradução não pode ser feita palavra por palavra, mas faz-se necessário compreender a expressão e encontrar um correspondente: "bigode feito".

Como quinta e última categoria o Empréstimo com Explicação é a modalidade em que ocorre a utilização de vocábulos da língua de partida na língua de chegada acompanhados de explicações ou esclarecimentos para facilitar a compreensão do leitor.

Para o termo "Chachaji" utilizado no texto "The Sufi" considerei interessante manter o termo original o que expressa a marca da cultura indiana, mas também foi necessário explicar o sentido para o leitor escrevendo entre vírgulas a explicação: Chachaji, tio em Hindi.

Tradução I: O Sufista

Makarand Paranjape

Ele tinha uma pequena loja de concerto de bicicletas no caminho da sepultura de um santo. Embora muitos peregrinos tivessem passado por aquele caminho, a região estava agora desabitada. A cidade tinha se desenvolvido em outra direção enquanto o caminho para a sepultura continuava uma estreita faixa de terra como sempre foi. Além disso, existiam monumentos maiores do outro lado, enormes, edifícios mais imponentes que chamava a pequena porção de turistas que ainda freqüentavam esse lugar atrasado.

Meu amigo falou-me que eu deveria visitar esse portal pouco conhecido por que, “você encontrará algo incomum e inesquecível lá”.

Embora eu não seja particularmente religioso, eu decidi dar uma chance. Acho que devo ter calculado mal o calor por que quando estava na metade do caminho comecei a me sentir cansado e tonto. Era quase meio dia e eu pensei que se eu não pudesse descansar em algum lugar eu cairia. Só então eu avistei a loja de concerto de bicicletas debaixo da única árvore em vista.

Tão atrativo quanto à sombra debaixo da árvore era uma grande panela de barro sobre uma base de areia, com um pano branco brilhante ao redor.

Sem me preocupar muito com o copo de plástico eu bebi de uma maneira suave a perfumada água fria que meu anfitrião ofereceu-me. Assim que sentei e relaxei, olhei bem para ele. Ele tinha por volta de cinquenta e cinco anos, com uma barba grisalha, bigode feito, rosto plácido profundamente maltratado pelo tempo e um boné branco com uma caveira em sua cabeça quase careca. O mais marcante eram seus olhos, que queimavam como brasas em sua face.

Eu o agradei educadamente pela hospitalidade e olhei suas poucas ferramentas de trabalho, organizadamente arrumadas ao redor dele: uma velha bomba de ar, um martelo, um tubo amassado de uma solução de borracha, pneus velhos, tubos, tesouras e etc. eu não pude ajudar perguntando, “Chachaji,(tio em Hindi) você tem muitos negócios fora daqui. Depois de tudo quantas pessoas ainda vêm nessa direção.” “Conte-me”, eu disse, ”o que tem de tão especial sobre seu santo. Você sabe que dificilmente ele tem ainda algum seguidor. Ele nem mesmo tem uma sepultura apropriada sobre seu tumulo...” ele olhou???, “hoje todos olham somente para o exterior. Veja você, meu santo acredita na religião do coração, não na religião do livro.” ele parou por um minuto e acrescentou, “o coração dele tornou-se o seu próprio livro; isso estava lá que amados transmitam sua mensagem de amor e fraternidade.”

Nós permanecemos quietos e o momento pareceu se estender pela eternidade. Tornei-me distraído pelo calor e pela poeira. Uma brisa suave souou através da

árvore de que estávamos sentados abaixo e, a distância, algum pássaro chamou tristemente, uma vez e depois mais uma vez.

O túmulo do santo era plano e austero. Não existiam caixas para coletar dinheiro dos devotos. Eu permaneci lá, mas não por muitos minutos, mesmo assim senti que minha visita tinha sido mais que valiosa. Enfatizei que a profecia do meu amigo tinha sido cumprida. Eu tinha certeza de ter encontrado algo incomum e inesquecível no túmulo do santo. O homem que concerta bicicletas tinha respondido meus questionamentos mais que completamente. Isso parece que, por um momento, eu tinha percebido a diferença entre a essência da religião que sempre é mística e exterior, estrutura secular.

Tradução II: O Sexo e o indiano

Makarand Paranjape

Outro dia, um dos meus amigos veio falar-me sobre seus problemas. Bonito, bem alinhado e pós graduado, sua dificuldade não era muito incomum. O que lhe incomodava era: após dois anos de relacionamento com alguém que ele pensava ser: “calorosa, sincera e uma mulher carinhosa”, ele tinha sido “abandonado”. Sua namorada contou-lhe um dia, de uma forma repentina, que estava tudo terminado entre eles. O que mais o feriu foi ela não ter dado razões (de forma alguma).

O choque desse abrupto termino de relacionamento levou-o a entrar em depressão. Como acontece em alguns relacionamentos, ele não tinha contado a seus pais, um tanto conservadores, sobre isso. Mas hoje em dia ele contou e toda a família divide seu desapontamento e sua dor. Os pais se sentiram traídos, pois eles tinham acreditado tanto em seu filho e ele mesmo se sentiu “um estúpido, rebaixado, usado”.

No entanto, meu amigo tem sorte. Esse foi seu primeiro envolvimento e este terminou antes que qualquer estrago fosse feito. Atualmente ele está quase voltando ao seu ego original, de modo especial com a ajuda e suporte de seus pais, amigos e admiradoras. No entanto, os medos emocionais podem permanecer por algum tempo.

É claro que, como nós sabemos ou deveríamos saber muitas coisas piores estão acontecendo todos os dias. Em determinado “caso” durante uma indiscrição monetária, uma estudante de Arte que eu conheci engravidou. O rapaz fugiu da responsabilidade com o usual “como posso saber se não é de outra pessoa”. Os pais da moça eram bem tradicionais e ela não podia contar a eles. Com a ajuda de alguns amigos próximos, ela cometeu um aborto usando nome falso, contando muitas mentiras para seus pais durante o processo. Seus estudos foram bastante prejudicados, tanto que ela teve que abandonar a escola de Arte. De certo modo, todo seu futuro estava obscuro porque ela não poderia ao menos contar seu segredo facilmente para qualquer um que pudesse ser seu futuro marido, tão pouco esconder dele para sempre.

Esses são apenas alguns exemplos do que está acontecendo todos os dias. Em festas, festivais culturais, cinemas, discotecas, restaurantes a meia luz, em todos os tipos de lugares, pessoas jovens estão se encontrando e esbarrando, tendo contato físico. A desculpa mais comum para uma garota, e aparentemente uma que ainda funciona, é: Mãe, estou passando a noite na casa de uma amiga.

Para dizer que morais sociais estão mudando seria um leve eufemismo. Em fato, especialistas tem mostrado que nossa sociedade está passando por uma silenciosa revolução sexual. Um levantamento sobre a vida sexual dos estudantes da mais importante universidade nacional revelou que tanto quanto um terço dos participantes tiveram relações antes do casamento. O numero é maior para os garotos do que para as garotas, porém não era tão diferente.

Não estou desaprovando, por se só, o aumento da atividade sexual entre nossos jovens, tão pouco me considero um prêmio exagerado pela perda da virgindade deles. Minha preocupação é com o emocional e traumas físicos que algumas dessas apressadas e precipitadas relações causam e os duradouros prejuízos para o futuro, de modo especial para as garotas, em nossa sociedade de duplo padrão.

Cada cultura estabelece um modo de regular o comportamento sexual. Nós estamos envolvidos em um sistema complexo e complicado de casamentos arranjados. Apesar dos problemas, o sistema ainda funciona, mas com certeza as regras estão mudando. Em cidades, por exemplo, os pais não podem afirmar que seus filhos não se misturam de maneira alguma com o sexo oposto quando eles estudam em instituições co-educacionais. Essa mistura, ou encontro como é chamado no Oeste, é uma parte aceitável da cultura deles, porém isso não é completamente sancionado em toda a Índia. Com a adaptação dos encontros as nossas necessidades nós podemos fazer isso funcionar a nosso favor dentro do sistema tradicional, como já se começou a ser feito.

Certamente, no Oeste o termo é aplicado a uma variedade de atividade incluindo “encontros marcados”, “encontro de casal”, “ficar uma noite” etc. É claro que não precisamos ir tão além, mas alguns lugares essenciais e características dos encontros podem ser aplicados de modo bem sucedido ao contexto metropolitano da Índia. Sem aqueles grupos de regras comumente aceitas ou estabelecidas, nossos jovens continuarão a fazer perigosos erros e dolorosos relacionamentos. Por isso, enquanto o antigo sistema de restrição de contatos não tem capacidade de funcionar de modo completo, nenhum sistema novo surgirá em seu lugar.

As decisões a seguir devem ser feitas pelos pais e filhos em conjunto e baseando-se nessas instruções básicas para os encontros pode-se estabelecer:

1. Primeiramente, as crianças devem se encontrar- em outras palavras, eles devem se relacionar e conhecer membros do sexo oposto.
2. Se assim for, em qual idade o namoro deve começar- para garotas. Para garotos. Dezesseis. Dezoito. Vinte e um.
3. Quais tipos de encontro são permitidos. Filmes. Festas. Acompanhados/ desacompanhados. Etc.
4. Qual a quantidade emocional- a pessoa está preparada para envolvimento físicos.

Considerando essas questões, evitamos muita dor de cabeça para ambos os pais e filhos. Baseando-se nas respostas, cada família pode estabelecer suas próprias regras para um namoro seguro. A seguir, por exemplo, essa é uma determinação formulada por uma família para suas filhas adolescentes:

1. Você não deve sair com alguém que não possa trazer em casa primeiro.
2. Sempre conte à sua mãe e seu pai onde você está indo e com quem.
3. Não sai com alguém que seus pais não aprovam.
4. Seja cuidadosa com qualquer tipo de envolvimento intenso, seja emocional ou físico.
5. Você sabe tudo sobre “os fatores da vida”. O último, mas certamente não menos importante, por isso todo jovem adulto, por exemplo, deve saber sobre contraceptivos e seus usos seguros. Mesmo se eles não pretendem ser sexualmente ativos, por que muitos erros ocorrem no “calor do momento”. Eu penso que essas instruções atentem aos garotos também. Eu acrescentaria somente uma mais- depois de estar satisfeito que tudo isso foi seguido e meu filho ou filha estão saindo com alguém que eu aprovei e confiei – “Divirtam-se”.

Apesar dessas regras e precauções, contratempos às vezes podem ocorrer por que relacionamentos sexuais pertencem de modo essencial ao terreno irracional. Não importa o quanto tentemos regulá-los, eles saem do controle. Ainda que uma aberta e racional aproximação como aquelas que temos sugerido diminuirá bastante a ansiedade, medo, e temor do que deveria ser normal, atividade saudável- jovens homens e mulher conhecerem-se mutuamente. Essas instruções são muito necessárias de modo especial em nossas áreas metropolitanas onde uma confusão de valores se estabelece. A Índia rural ainda tem seu próprio sistema de regulação de conduta. Muitas famílias com “mente aberta” em nossa cidade já estão começando a permitir estas formas de namoros seguros para seus filhos. O que tem formado muitos casamentos felizes.

Conclusão

Traduzir um texto de Makarand Paranjape, um renomado professor e escritor de Literatura Indiana e Americana, é uma tarefa árdua mas instigante. Através da análise de dois artigos de jornal “ Sex and the Indian” e “The Sufi” publicados por ele, podemos perceber aspectos subjetivos e culturais intrínsecos aos textos.

O trabalho de um tradutor vai muito além da tradução em si, da passagem de uma língua para a outra. Não há como se fazer a simples transposição de elementos lexicais para outra língua sem analisar se o objetivo principal está sendo cumprido: produzir a tradução de um texto que seja compreensível para o leitor sem que se comprometa o sentido original do autor.

O tradutor precisa ser um mediador entre as duas culturas para que o público alvo consiga compreender o texto traduzido e o tradutor consiga expressar os aspectos socioculturais presentes na obra original.

REFERÊNCIAS

AHMAD, Aijaz. In **Theory: Classes, Nations, Literatures**. London: Verso, 1993.

AUBERT, F. H. **A Tradução do intraduzível**. São Paulo: FFLCH/ USP, 1981. Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 1349-1354, 2005. [1353 / 1354]

AUBERT, F. H. **Descrição e quantificação de dados de tradutologia**. In: Tradução & Comunicação 4. São Paulo, p. 71-82, julho 1984.

AUBERT, F. H. **Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados**. In: TradTerm 5. São Paulo: p.99-128, 1998.

AUBERT, F. H. **Translations modalities – a descriptive model for quantitative studies in Translatology**. In: Romansk Forum 6. Oslo: Universidade de Oslo, dez. 1997.

DAS, S. K. **History of Indian Literature**. New Delhi: Sahitya Akademy, 1995.

Devy, G. N. **After Amnesia: Tradition and Change in Indian Literary Criticism**. Hyderabad: Orient Longman, 1992.

Gokak, V. K. **The Concept of Indian Literature**. Delhi: Munshiram Manoharlal, 1977.

Joshi, Umashakar. **The Ideat of Indian Literature**. New Delhi: Sahitya Akademi, 1990.

Paranjape, Marakand R. **Periodical articles**. Disponível em The official Makarand R. Paranjape website, 2022 <http://www.makarand.com/acad/> acesso em 05 de janeiro de 2022.

ANEXO I

The other day, one of my friends came to talk to me about his problem. A handsome, clean-cut postgraduate, his difficulty was not very unusual. It boiled down to this: after two years of going steady with what he thought was a "warm, sincere, and caring female," he had been "ditched". His girlfriend told him, suddenly one day, that it was all over between them. What hurt him most was that she gave no reasons at all.

The shock of this abruptly terminated relationship threw him into a depression. As is often the case in such friendships, he had not told his rather conservative parents about it. But now he did and the whole family shared his disappointment and hurt. The parents felt betrayed because they had trusted their son so much and he himself felt "stupid, cheap, used".

However, my friend is lucky. This was his first involvement and it ended before any lasting damage was done. He is now more or less back to his original self, especially with the help and support of his parents, friends, and well-wishers. Yet, the emotional scars may remain for some time.

Of course, as we know or should know far worse things are happening every day. In one such "case" through a momentary indiscretion, an art student that I knew of got pregnant. The boy refused to take responsibility with the usual "how do I know it wasn't anyone else." The girl's parents were very traditional and she couldn't tell them. With the help of some close friends, she went through an abortion under an assumed name, telling many lies to her parents in the process. Her studies suffered badly, so much that she had to drop out of art school. In a sense, her whole future was clouded because she could neither tell her secret easily to whoever would be her future husband, nor keep it from him forever.

These are just a few examples of what is happening every day. At parties, cultural

festivals, movie theatres, discotheques, shady restaurants, and in all sorts of places, young people are meeting and stumbling into physical contact. The most cliched excuse for the girl, and apparently one that still works, is: "Mummy, I'm spending the night at my friend's."

To say that our social mores are changing would be a mild understatement. In fact, experts have pointed out that our society is passing through a silent sexual revolution. A survey of the sexual activity of students at a leading national university revealed that as many as a third of the participants had premarital sex. The number was higher for boys than girls but not substantially so.

I am not disapproving, *per se*, of the increased sexual activity amongst our youth, nor do I place an exaggerated premium on their loss of virginity. My concern is with the emotional and physical trauma that some of these hasty and precipitous relationships cause and the lasting damage to the futures, especially of girls, in our society of double standards.

Each culture devises a way of regulating sexual behaviour. Ours had evolved an intricate and complicated system of arranged marriages. Despite its problems the system still works, but surely its rules are changing, in cities, for instance, parents cannot assume that their children don't mix at all with the opposite sex when they study in co-educational institutions. Such mixing, or dating as it is called in the West, is an

accepted part of their culture but is yet to be fully sanctioned in India. By adapting dating to our needs we can make it work for us within the traditional system, as has already begun to be done.

Of course, in the West the term is applied to a variety of activities including "blind dates," "double dates," "one night stands," etc. Of course, we need not go that far, but some essential premises and features of dating can be successfully applied to the Indian metropolitan context. Without such commonly accepted groundrules or conventions, our youngsters will continue to blunder through dangerous and painful relationships. Because, while the old system of restricting contact cannot work fully, no new system as emerged in its place.

The following decisions have to be made by parents and children together and based on these the basic guidelines for dating can be established:

1. First of all, should the children date at all – in other words, should they associate with and get to know members of the opposite sex.
2. If so, at what age should dating begin – for girls. For boys. Sixteen. Eighteen. Twenty-one.
3. What types of dates are permissible. Movies. Parties. accompanied/unaccompanied, etc.
4. How much emotional – physical involvement is the person prepared for.

Thrashing out these questions would save a

lot of heartache for both parents and children. Based on the answers, each family can work out its own groundrules for safe dating. The following, for example, is a set formulated by one family for its teenage daughters:

1. You should not go out with anyone you cannot bring home first.
2. Always tell mom and dad where you are going and with whom.
3. Don't go out with anyone your parents don't approve of.
4. Be careful about any type of deep involvement, whether emotional or physical.
5. Do you know all about the "facts of life".

The last is certainly not the least because every young adult, for instance, must know about contraceptives and their safe uses, even if they do not intend to be active sexually because most mistakes occur in "the heat of the moment." I think these guidelines apply to boys as well. I would only add one more – after being satisfied that all of them were being met and my son or daughter were going out with someone I approved of and trusted – "Enjoy yourselves."

In spite of such groundrules and precautions, mishaps may occur sometimes because sexual relationships belong essentially to the realm of the irrational. No matter how much we try to regulate them, they defy control. Yet an open and rational approach such as we have been suggesting will take much of the anxiety, fear, and danger out of what should be a normal, healthy activity – young men and women getting to know each other. Such guidelines are sorely needed especially in our metropolitan areas where a confusion of values prevails; rural India still has its own systems of regulating conduct. Many of the broadminded families in our cities have already begun to allow such forms of safe dating for their children. It has led to many happy marriages.

Makarand Paranjape

Anexo II

Thursday 19 May 1988 Newstime 7

Off-centre

The Sufi

**Makarand
Paranjape**

He had a small cycle repair shop on the way to the tomb of a saint. Though many pilgrims had once trudged up and down this path, the area was now desolate. The town had developed in another direction while the way to the tomb remained the narrow dirt track that it always had been. Besides, there were greater monuments on the other side, grander, more imposing edifices, which claimed the small trickle of tourists that still frequented this backward place.

My friend had told me that I must visit this little-known dargah because, "You'll find something unusual and unforgettable there."

Though I am not particularly religious, I had decided to give it a try. I guess I must have miscalculated the heat because by the time I was half-way, I began to feel tired and dizzy. It was about noon and I thought that if I couldn't rest somewhere, I would drop. Just then, I sighted the cycle repair shop under the only tree in sight.

As attractive as the shade under the tree was the large earthenware pot on a base of sand, with a glistening white cloth around it.

Without worrying much about the plastic cup, I quaffed the mildly scented cool water which my host offered me. As I sat down and relaxed, I took a good look at him. He was about fifty-five, with a greying beard, clean-shaven upper lip, a weather-beaten, deeply furrowed kindly face, and a white skull cap on his closely cropped head. Most remarkable were his eyes, which burned like coals on his visage.

I thanked him politely for the hospitality and eyed the meagre tools of his trade neatly arrayed around him: an old air pump, a hammer, a wrinkled tube of rubber solution, old tyres and tubes, scissors, etc. I couldn't help asking, "Chachaji, do you get enough business out here. After all how many people come this way anymore."

"Tell me," I said, "what's so special about your saint. You know, he hardly has any following left. He doesn't even have a proper tomb over his grave..." He sighed, "Today, everyone looks only at externals. You see, my saint believed in the religion of the heart, not the religion of the book." He paused for a minute and added, "His heart became his book; it was there that the beloved writ his message of love and brotherhood."

We remained quiet and the moment seemed to stretch into eternity. I became oblivious of the heat and the dust. A soft breeze rustled through the tree under which we sat and in the distance some bird called plaintively, once then once again.

The tomb of the saint was plain and austere. There was no cash box nearby to collect money from the devout. I remained there but for a few minutes, yet felt that my visit had been more than worthwhile. Indeed, my friend's prophecy had been fulfilled. I had certainly found something unusual and unforgettable at the saint's tomb. The cycle repair man had answered my questions most completely. It seemed that, for a moment, I had grasped the difference between the essence of religion which is always mystical and its external, secular proppings.